

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

REVISTA QUINZENAL FUNDADA EM 1888

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Integrada na «Associação Portuguesa da Imprensa Técnica e Profissional»
e na «Federação Internacional da Imprensa Técnica e Periódica»

PREMIADA NAS EXPOSIÇÕES: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898; — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pôrto 1897; — Liège 1906; — Rio de Janeiro, 1908; Pôrto, 1934; — MEDALHAS DE BRONZE: Antuerpia, 1894 S. Luiz, (Estados Unidos) 1904;

Delegado em Espanha: **EUGENIO DEL RINCON**, Don Ramón de la Cruz, 83 — Madrid
Delegado no Pôrto: **ALBERTO MOUTINHO**, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893

S U M Á R I O

Aveiro, Porta principal da Igreja do Senhor das Barrocas. — Aveiro, terra de beleza e riqueza. — As principais festas dos Centenários, pelo Eng.^º J. FERNANDO DE SOUZA. — Programa oficial das comemorações nacionais de 1940. — Vida Ferroviária. — Ecos & Comentários, por SABEL. — Imprensa. — Viagens e Transportes. — Caminhos de Ferro Coloniais. — O Município de Aveiro e as suas realizações. — Obras do pôrto de Aveiro, por REBELO DE BETTENCOURT. — A indústria do sal. — Costumes de Aveiro, pelo Dr. ANDRÉ DOS REIS. — Teatros e Cinemas.

1 9 4 0

ANO 52.^º

1 DE MARÇO

NÚMERO 1253

FUNDADOR

L. DE MENDONÇA E COSTA

DIRECTORES

Conselheiro FERNANDO DE SOUSA
ENGENHEIROCARLOS D'ORNELLAS
(Editor e Proprietário)

SECRETARIOS DA REDACÇÃO:

OCTÁVIO PEREIRA
ARMANDO FERREIRA
ENGENHEIRO

REDACÇÃO:

Eng.º M. DE MELO SAMPAIO
DR. AUGUSTO D'ESAGUY
JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR
Dr. ALFREDO BROCHADO
ANTÓNIO GUEDES
JOSÉ A. DA COSTA PINA
ALEXANDRE SETTAS

COLABORADORES:

General JOÃO DE ALMEIDA
General RAÚL ESTEVESCoronel CARLOS ROMA MACHADO
Coronel Eng.ª ALEXANDRE LOPES GALVÃO
Engenheiro CARLOS MANITTO TORRESCapitão de Eng.ª MÁRIO COSTA
Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN
Capitão de Eng.ª JAIME GALÓ
Coronel de Eng.ª ABEL URBANO
Capitão HUMBERTO CRUZ
Engenheiro AVELAR RUAS
ANTONIO MONTEZ

DELEGAÇÕES

Espanha — EUGENIO DEL RINCON
Pôrto — ALBERTO MOUTINHOFREÇOS DAS ASSINATURAS
E NÚMEROS AVULSO

PORUTGAL (semestre)	30\$00
ESTRANGEIRO (ano) £	1.00
FRANÇA (ano) francos	100
ÁFRICA (ano)	72\$00
Empregados ferroviários (trimestre)	10\$00
NÚMERO AVULSO	3\$00
NÚMEROS ATRAZADOS	5\$00



REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS :

RUA DA HORTA SÉCA, 7, 1.º

TELEFONES | P B X 20158
Direcção 27520

AVEIRO,

TERRA DE BELEZA E RIQUEZA

PROSEGUNDO no nosso programa turístico, dedicamos o presente número da «Gazeta dos Caminhos de Ferro» à cidade de Aveiro. E, como temos feito para outras regiões, não só inserimos gravuras dos seus mais belos monumentos como nos preocupámos com alguns dos seus principais problemas, que são, indubitavelmente, o seu pôrto, cujas obras caminham para a sua conclusão, os seus melhoramentos cidadinos, que têm interessado, desde longa data, o ilustre presidente do Município, e a riquíssima indústria do sal.

Do seu pôrto sai todos os anos a maior frota bacalhoeira do país; pelo seu pôrto se fará, em magníficas condições, o escoadouro das suas indústrias cerâmicas e das suas madeiras, em que a região é fértil.

Como zona agrícola e industrial e, ainda, como zona turística, tem Aveiro diante de si um largo e prometedor futuro. Sob este último aspecto, a extensa ria constitui a sua mais bela atracção e um dos espectáculos mais soberbos de Portugal. Falando de turismo, não devemos esquecer a acção que na propaganda da terra tem realizado, com raro sentido de beleza, o simpático e benemérito «Club dos Galitos», cujos sócios, numerosos, pertencem a todas as categorias sociais. Deve-lhe Aveiro, com efeito, a organização das «Festas da Cidade» e de alguns espectáculos em que os seus costumes e o seu rico folclore são aproveitados com inteligência e divulgados com arte inegualável. Aveiro tem um «Museu Regional» curioso, em que se guardam preciosidades artísticas, e do qual faz parte também o maravilhoso túmulo de Santa Joana.

Aveiro não se vê em horas nem mesmo em dois dias, pois os seus arredores merecem a nossa visita, em virtude das suas paisagens admiráveis, das mais ricas, das mais pujantes do País.

As principais festas dos Centenários

Pelo Engº J. FERNANDO DE SOUZA

REFERI-ME no artigo anterior ao serviço intenso e extraordinário de transportes a que dará lugar a celebração dos dois centenários.

Está publicado o programa oficial, que a «Gazeta» reproduz para conhecimento dos seus leitores e que vai submeter a sumária análise.

A maior parte das festas são feitas em Lisboa, embora as manifestações feitas aqui no dia 2 de Junho se repitam em todos os concelhos.

A primeira grande festa regional e nacional é a de 4 de Junho em Guimarãis com repercussão em todas as terras que possuam castelos históricos.

Os elementos oficiais são principalmente transportados em automóveis, mas a festa de Guimarãis determinará movimento considerável nas linhas regionais, especialmente nas de Guimarãis e do Minho.

Seguem-se em 5 e 6 festas em Braga, Val de Vez e a vinda ao Pôrto para as festas de 7 e a Coimbra para as de 8. Serão principalmente as linhas do Norte, do Vou-

ga e da Beira Alta que terão no seu movimento a repercussão dessas festas.

No dia 9, além das festas de Lisboa, há a festa ribatejana em Santarém, que atrairá passageiros às linhas do Norte, Leste e Vendas Novas.

No dia 12 fazem-se as festas de Trás-os-Montes e Alto Douro, o que determinará movimentos regionais.

Chega depois a vez ao Alentejo e Algarve nos dias 13 a 15, no campo de batalha de Ourique, em Faro, em Sagres, o que determinará certo movimento nas linhas do Algarve.

As festas de Lisboa activarão principalmente o movimento nas linhas suburbanas. Tem particular relêvo a inauguração da estrada marginal e a festa dos Jerónimos, em 28 a festa de Queluz, em 29 a inauguração do aeroporto, em 30 o grande cortejo.

De 4 de Julho a 7 há festa no Pôrto, o cortejo do trabalho e as festas da Rainha Santa em Coimbra. Tudo isso dará afluxos regionais.

Em 8 e 9 há festas em Leiria, Tomar, Batalha e Alcobaça.

No dia 8 de Setembro destaca-se a inauguração do estádio e da ponte de Alcântara, o que apenas provoca movimentos locais.

Intercala-se nesse período a festa de Beja em 10 de Agosto.

Vêm depois as festas de Viseu em 14 de Setembro e em 4 de Outubro a de Castelo Branco.

De 15 de Novembro a 19 fazem-se no Alentejo as festas da Restauração: visita dos campos de batalha, inauguração do monumento equestre a D. João IV em Vila Viçosa. O movimento ferroviário far-se-á sobre tudo nas linhas de Leste e do Sul e Sueste.

Em 2 de Dezembro encerra-se o ciclo das festas, que à parte a afluência em curtos dias a determinadas localidades, mantém durante cerca de seis meses certa recrudescência de actividade na circulação dos caminhos de ferro e exigirá dos que os exploram grandes esforços para suprir as exigências do movimento com os escassos recursos do material existente.

PROGRAMA OFICIAL

das comemorações nacionais de 1940

I — Época Medieval

De 2 a 15 de Junho — Junho, 2 (Domingo) Inauguração das comemorações nacionais, «Te Deum» na Sé patriarcal e em todas as Sés, colegiadas e velhas igrejas matrizes de Portugal e do Império. À tarde sessão solene na Câmara Municipal de Lisboa, em que discursará Sua Excelência o Presidente da República; à mesma hora, solenidades em todas as Câmaras Municipais da Metrópole e das Colónias, e nas Embaixadas, Legações e Consulados de Portugal, unindo, no mesmo sentimento da Pátria, os portugueses dispersos pelo Mundo. À noite, sessão solene na Assembleia Nacional.

Junho, 4 — Comemoração da Fundação, em Guimarãis, Cortejo das flores. Missa campal. Discurso de Sua Excelência o Presidente do Conselho. A bandeira de Afonso Henriques é hasteada pelo Chefe do Estado na torre do castelo de Mumadona, e à mesma hora, pelas autoridades locais, nos castelos medievais portugueses que mais importante papel desempenharam na história da Fundação e da Conquista. Salva a artilharia em todas as guarnições militares e navios de guerra; replicam os sinos em todas as igrejas de Portugal imperial. À noite, em Guimarãis, representação do «Auto da Fundação», junto do castelo.

Junho, 5 — Chegada do Chefe do Estado e do elemento oficial a Braga, pela Citania e Lanhoso. Cerimónia religiosa na Sé Primaz; visitas aos túmulos de D. Teresa e do Conde D. Henrique, e à Capela da Glória. Sessão solene no antigo paço arquiepiscopal de D. José de Bragança. Repouso no Bom-Jesus.

Junho, 6 — Inauguração do padrão comemorativo do recontro de Valdevez (1140?). A comitiva segue para o Porto, por Viana do Castelo e Barcelos.

Junho, 7 — Acto medieval do Porto. Visita à Sé: comemoração da concessão do foral pelo bispo Hugo (1123); evocação dos bispos fundadores. À noite, sessão solene em que se celebrará a criação da primeira bolsa comercial por D. Diniz (1293) e a sua reorganização por D. João I (1387).

Junho, 8 — Chegada a Coimbra. Cerimónia cívico-religiosa na igreja de Santa Cruz, perante o túmulo de Afonso Henriques e de Sancho I. Sessão solene na Sala dos Capelos, comemorativa das Cortes de Coimbra (1211) e da fundação da Universidade (Lisboa, 1290; Coimbra, 1508).

Junho, 9 (Domingo) — Acto medieval de Lisboa. Romagem de povo à Sé e ao Castelo de S. Jorge. Representação de uma alegoria dramática ao ar livre, no castelo. Iluminações e danças populares — Festa provincial do Ribatejo, em Santarém (1).

Junho, 10 — Sessão solene na Academia das Ciências: glorificação da língua portuguesa.

Junho, 11 — Inauguração da Exposição dos Primitivos Portugueses, no Museu das Janeiras Verdes. À noite, concerto de gala no Teatro de D. Maria II; peça sinfónica inspirada na «Fundação»; reconstituição musical das poesias galécio-portuguesas dos séculos XII e XIII.

Junho, 12 — Véspera de Santo António. Visita ao lugar em que, segundo a tradição, nasceu o grande Santo português. À noite, representação, no adro da Sé de Lisboa, de uma obra hierática alusiva. — Festa provincial de Trás-os-Montes e Alto Douro. Inauguração das pontes sobre o Tua e sobre o Tâmega.

Junho, 13 — Partida do elemento oficial para Beja e Castro Verde. Romagem ao local tradicional da batalha de Ourique (1139); inauguração do padrão comemorativo em Cabo de Rei. Partida para Faro. — Em Lisboa, iluminações e arraiais nos bairros da cidade antiga.

Junho, 14 — Festa provincial do Algarve. Comemoração da tomada de Faro (1249) e do quarto centenário da sua elevação a cidade (1540).

Junho, 15 — Actos solenes de Lagoa e Sagres. Preito ao Infante e aos navegadores do ciclo henriquino, precursores do Império. Missa campal no rochedo de Sagres; bênção ritual do Mar.

II — Época Imperial

De 16 de Junho a 14 de Julho — Junho, 16 (Domingo) — Inauguração da Exposição do Mundo Português.

Junho, 22 — Recepção de credenciais das Embaixadas extraordinárias e Missões especiais estrangeiras, no Palácio de Belém. Visita à Exposição.

Junho, 23 (Domingo) — Missa de pontifical, e acto imperial na Igreja dos Jerónimos, em que usará da palavra Sua Eminência o Cardial Patriarca; exaltação do esforço civilizador de Portugal no Mundo. Banquete no Palácio da Ajuda.

Junho, 24 — Passeio inaugural na estrada marginal Lisboa-Cascais. À noite, marchas populares dos velhos bairros de Lisboa. Festas provinciais do Minho, em Braga, e do Alto Alentejo, em Évora.

Junho, 25 — Abertura da Exposição de Cartografia Portuguesa, no edifício dos Jerónimos. Serão manuelino na Torre de Belém.

Junho, 26 — Inauguração, em Lisboa, do monumento a Pedro Álvares Cabral, oferecido pelo Governo brasileiro à nação portuguesa. À noite, preito ao Brasil na Exposição do Mundo Português.

Junho, 27 — Abertura da Exposição bibliográfica e documental das Cortes do Reino, no palácio da Assembleia Nacional. Récita de gala no Teatro de D. Maria II; representação de autos e farças de Gil Vicente.

Junho, 28 — Serenata de Queluz, nas salas e jardins do Palácio, oferecido ao Corpo Diplomático e Missões estrangeiras. Execução de música setecentista portuguesa (orquestra de câmara e cravo); representação de cenas de uma comédia do tempo.

Junho, 29 — Inauguração do Aeroporto de Lisboa. À noite, concursos, e prémios aos ranchos populares lisboetas no recinto da Exposição.

Junho 30 (Domingo) — Grande cortejo imperial do Mundo Português.

Julho, 1 — Acto solene inaugural dos nove congressos do Mundo Português, no palácio da Assembleia Nacional (à noite).

Julho, 2 — Recepção dos congressistas no Pavilhão de Honra da Exposição. Primeira sessão de trabalhos do III congresso, «Navegações e descobrimentos dos portugueses», e do IV congresso, «Monarquia dualista».

Julho, 3 — Primeira sessão de trabalhos dos V e VI congressos. À noite, na Sociedade de Geografia, abertura solene do Congresso Colonial (IX).

Julho, 4 — Partida do elemento oficial para o Porto. Abertura da Exposição da obra de Soares dos Reis, no palácio dos Carrancas. Inauguração do Pórtico de Leixões. À noite, sessão solene na Universidade: inicio dos trabalhos do I congresso, «Pré e proto-história».

Julho, 5 — Cortejo do trabalho, no Porto, Baile no Palácio da Associação Comercial.

Julho, 6 — Partida para Coimbra. Inauguração da Exposição de Ourivesaria. Abertura solene dos trabalhos do II congresso, «Portugal medieval», na sala dos Capelos.

Julho, 7 (Domingo) — Comemoração da Rainha Santa. Festa provincial da Beira Litoral. — Partida do elemento oficial para o Buçaco: visita aos monumentos da guerra peninsular.

Julho, 8 e 9 — De regresso a Lisboa, romagem aos lugares históricos do centro do País: Leiria, Batalha, Tomar, Alcobaça, Caldas da Rainha, Obidos, Santarém. Durante o percurso, realização de vários actos e solenidades: em Tomar, inauguração do monumento a Gualdim Pais; em Leiria, comemoração das cortes de 1254, em que pela primeira vez teve voz o povo; visitas ao mosteiro de Alcobaça e ao campo da batalha de Aljubarrota (1385).

Julho, 10 — Prosseguem, em Lisboa, os trabalhos dos congressos do Mundo Português.

Julho, 11 — Inauguração do Parque Florestal de Monsanto. À noite, recepção dos congressistas coloniais na Seção etnográfica colonial da Exposição.

Julho, 12 — Récita de gala no Pavilhão de Honra.

Julho, 13 — Banquete de encerramento dos Congressos.

Julho, 14 (Domingo) — Festa dos «Lusíadas» na Exposição do Mundo Português.

Período Intercalar correspondente às férias

Agosto, 10 — Festa provincial do Baixo Alentejo, em Beja.

Agosto, 14 — Dia de Nun'Álvares: evocação do esforço militar português através dos tempos.

Agosto, 15 a 24 — Actos comemorativos nos arquipélagos da Madeira e Açores.

Setembro, 8 (Domingo) — Inauguração do Estádio Nacional e da Ponte de Alcântara. Abertura da Semana Olímpica.

Setembro, 12 — Sessão inaugural do Congresso de Ciências da População, na Universidade do Porto.

Setembro, 15 (Domingo) — Abertura, no Porto, da Exposição etnográfica do Douro Litoral. Feira das Colheitas. À noite, espectáculo de gala.

Setembro, 16 — Festa provincial da Beira Alta, em Viseu.

Outubro, 4 — Festa provincial da Beira Baixa, em Castelo Branco.

Outubro, 30 — Celebração do Concurso de Portugal na defesa da Espanha Cristã: acto comemorativo da batalha do Salado (1340) na Sé de Évora.

III — Época Brigantina

De 10 de Novembro a 2 de Dezembro — Novembro, 10 (Domingo) — Peregrinação popular aos lugares históricos da Restauração em Lisboa. Novembro, 11 — Sessão solene inaugural do Congresso luso-brasileiro de História (VII).

Novembro, 12 — Recepção dos congressistas na Exposição do Mundo Português. Espectáculo de gala no Pavilhão de Honra.

Novembro, 13 — Romagem à Igreja da Graça, de Santarém, onde repousa Pedro Álvares Cabral. Leitura, junto à campa do Descobridor, de trechos da carta de Pero Vaz de Caminha.

Novembro, 14 — Homenagem à memória do Padre António Vieira, na igreja de S. Roque; reconstituição de um dos sermões pégados naquele púlpito pelo grande orador.

Novembro, 15 e 16 — Visita aos lugares históricos do Alentejo: Evora (sessão comemorativa do movimento de 1637, na sala dos actos na antiga Universidade); Borba (batalha de Montes Claros, 1665); Ameixial (batalha do Canal, 1663); Fronteira (batalha dos Atoleiros, 1584); Elvas (batalha das Linhas de Elvas, 1659). Preito aos mortos da Independência, ante os padrões das grandes batalhas.

Novembro, 17 (Domingo) — Inauguração da estátua equestre de D. João IV no Terreiro do Paço de Vila Viçosa. Cortejo histórico-militar. Visitas evocadoras da estirpe ducal de Bragança; sala de armas do Castelo; sala dos Duques; igrejas-panteões dos Agostinhos e de Santa Clara.

Novembro, 18 — Prosseguem em Lisboa os trabalhos do Congresso Luso-Brasileiro de História. Inauguração do Teatro de S. Carlos; primeira representação da ópera «1640».

Novembro, 19 — Sessão de encerramento do Congresso Luso-Brasileiro de História. Banquete aos congressistas no Pavilhão de Honra da Exposição.

Novembro, 20 — Abertura do Congresso de história da actividade científica portuguesa, na Universidade de Coimbra (VII Congresso do Mundo Português).

Novembro, 24 (Domingo) — Acto de escritura pública, ao estilo do século XVII, da doação do Palácio dos Condes de Almada ao Estado pela Colónia portuguesa do Brasil. Cerimónia da entrega das chaves, pelos representantes da Colónia, ao Governo Português. Posse do edifício pela Mocidade Portuguesa e pela Sociedade Histórica da Independência. À noite, concerto no Pavilhão de Honra da Exposição: peça sinfónica inspirada na «Restauração»; execução de composições musicais de D. João IV e dos contrapontistas portugueses do século XVII.

Novembro, 26 — Sessão solene no Museu de Artilharia, comemoração dos grandes chefes militares seiscentistas.

Novembro, 27 — Inauguração da Exposição bibliográfica da Restauração, na Biblioteca Nacional.

Novembro, 28 — Sessão solene na Academia das Ciências: comemoração da obra dos diplomatas e dos jurisconsultos de Portugal restaurado.

Novembro, 29 — Festa de homenagem, na Exposição, à Colónia portuguesa do Brasil e a todos os núcleos de portugueses dispersos pelo Mundo.

Dezembro, 1 (Domingo) — «Te Deum» na Sé de Lisboa. Desfile das bandeiras da Restauração e dos estandartes dos Municípios, das Corporações, da Legião, da Mocidade Portuguesa, perante o Monumento dos Restauradores. À noite, espectáculo de gala no Teatro de D. Maria II: representação da peça «Vila Viçosa».

Dezembro, 2 — Encerramento das festas nacionais, pelo Chefe do Estado, na Câmara Municipal de Lisboa. À mesma hora, sessões solenes em todas as Câmaras Municipais da Metrópole e do Império, Embaixadas, Legações e Consulados Portugueses. À noite, representação da ópera «1640», em espectáculo gratuito para o povo.

(*) As festas provinciais compreendem, segundo os casos, exposições etnográficas, paradas agro-pecuárias e cortejos folclóricos regionais.

Vida Ferroviária

Ecos & Comentários

Instituto dos F. do Sul e Sueste

Por proposta do sr. Ministro da Educação Nacional, foi concedido, pelo sr. Presidente da República, ao Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste, o título de oficial da Ordem de Instrução Pública.

S. N. dos Ferroviários da Centro de Portugal

Reuniu-se a Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Ferroviários (Pessoal do Movimento, Tracção e Serviços Regionais), para apreciação do relatório e contas, referentes à gerência de 1939. Presidiu o sr. Fausto da Cunha Pereira.

A eleição deu o seguinte resultado :

Direcção — João Júlio Pina Cortes, Fernando Ferreira, Vitor Afonso, José Girardi e David Gomes.

Assembleia geral — José Maria Pedro, Abel da Costa Polónia, António Gomes Melo, David Silva e José Maria Dias.

S. N. dos Ferroviários da Sul de Portugal

Na assembleia geral do Sindicato Nacional dos Ferroviários do Sul de Portugal, Pessoal do Movimento, Tracção, Via e Obras e Serviços Regionais, realizada para efeitos da apreciação do relatório e contas de 1939, e eleição dos corpos gerentes de 1940, foram eleitos :

Assembleia geral — Bento Amaro, José F. Tavares, Manuel Rodrigues.

Direcção — Mateus Gregório da Cruz, Manuel Vaz, Manuel Joaquim da Encarnação, Sebastião Montes Gomes, Rodrigo Bento.

Suplentes — Joaquim Pinheiro e Francisco António Bexiga.

Um melhoramento

A estação de Mercês, e os apeadeiros de Algueirão, Mem Martins e Rio de Mouro, na linha de Sintra, vão ser dotados de luz eléctrica, para o que já seguiu para a estação de Mercês, o respectivo material, começando em breve a execução destes trabalhos.

**ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA**

Por SABEL

Intelectuais açoreanos

O FERECHO à redacção da «Gazeta», recebemos o primeiro número duma «Colecção Açoreana», consagrado ao distinto escritor terceirense e nosso velho amigo, sr. Gervásio Lima. Temos na nossa biblioteca quase todas as suas obras e por mais duma vez tivemos o prazer de dirigir àquele bom defensor do nome açoreano palavras de simpatia e apreço. E porque sinceramente o estimamos e admiramos, não podemos concordar com a «homenagem» do primeiro fascículo ao ilustre escritor. Gervásio Lima, que é um incansável trabalhador das letras e que tem dedicado toda a sua vida à exaltação da terra açoreana, aparece-nos diminuído, ridicularizado nesse folheto.

Para que lhe chamam romancista, se ele nunca escreveu nem mesmo uma novela? E para que o rotulam de filósofo, se nunca revelou — pelo menos no que tem publicado — o menor interesse por assuntos filosóficos?

O director da «Colecção Açoreana», não conhece a obra de Gervásio Lima, ou então, e disso estamos convencidos, não soube, pelo menos, ser oportuno, escolhendo para primeiro lugar um Antero ou outra figura das conhecidas em Portugal e no estrangeiro.

Não sendo a poesia a modalidade mais interessante de Gervásio, para que não houve, pois, o cuidado e a delicadeza de evitar a transcrição dos seus versos, em que os mais leigos na matéria, descobrem sem dificuldade êrrros de metrificação?

Quem não conhecer a obra de Gervásio, ficará ao ler o folheto editado pela «Agência Portugal» fazendo do ilustre escritor uma idéia tristíssima. Quantas páginas belas, estuantes de entusiasmo, de patriotismo, não possue o escritor terceirense, dignas duma antologia, mas duma antologia, organizada por uma pessoa culta?

Pela admiração, pela amizade que nos prendem a Gervásio Lima, protestamos contra esse folheto, que em vez de engrandecê-lo, como era de justiça, o ridiculariza duma maneira insólita, miserável.

Uma visão...

DIZEM de Madrid que foi elevado, oficialmente, para 600 pesetas, isto é, aproximadamente 1.500\$00, o ordenado mínimo mensal dos jornalistas espanhóis que trabalhem, quer em jornais, quer em agências. O vencimento mínimo actual é de 400 pesetas.

Foi determinado, ao mesmo tempo, que nenhum jornalista possa ser despedido senão por intermédio da Repartição de Imprensa do Ministério do Interior.

Notável...

O sr. dr. Getúlio Vargas, Presidente da República Brasileira, profereu há pouco, um notável discurso, sobre os grandes problemas económicos e financeiros do Brasil, e referindo-se aos caminhos de ferro, disse :

Problema fundamental para a nossa expansão interna e externa, o dos transportes e comunicações constitue preocupação diária do Governo. Senão lhe imprimirmos o ritmo das realizações rápidas o nosso progresso sofrerá, a cada passo, interrupções desalentadoras, que importam em perda de energia, desânimo e timidez nas iniciativas.

A acção do Estado Novo, nesse sector, foi das mais frutuosas, demonstrando compreender as necessidades nacionais com absoluta objectividade.

Aparelhando a nossa principal ferrovia — a Central do Brasil — para atender ao volume crescente da produção dos Estados que serve, dotou-a o Governo nos últimos anos, de 331 vagões e 18 locomotivas, além de 1.200 quilómetros de trilhos.

Imprensa

«VIDA RIBATEJANA»

Com o número 900, de 18 de Fevereiro passado, festejou o seu 23.^º ano de publicação o nosso presado colega «Vida Ribatejana», que sai em Vila Franca de Xira e que é acérrimo defensor dos interesses do Ribatejo.

Dirige a «Vida Ribatejana» o sr. Fausto Nunes Dias, que tem sabido manter o seu interessante jornal numa linha de conduta e de honestidade profissionais, dignas do melhor apreço e estima.

Felicitamos a redacção de «Vida Ribatejana», desejando-lhe longa vida e inúmeras prosperidades.

«FERROCARRILES Y TRANSVIAS»

É com viva satisfação, que vemos dia a dia, a vida normalizar-se na vizinha Espanha, e num ritmo deveras notável. No campo da Imprensa, esse facto é igualmente notório, chegando de novo a esta redacção, os antigos jornais e revistas, com os quais permutávamos, anteriormente ao movimento nacional espanhol.

Recebemos, agora, a «Ferrocarriles y Transvias», cujas primeiras palavras, são de louvor ao Caudilho e aos heróis mortos em defesa do mais belo ideal.

Continua sendo, uma revista de escolhida e competente colaboração, cuja consulta muito interessa aos meios, nacionais e espanhóis, que se dedicam aos caminhos de ferro. Seja benvinda!

Gazeta dos Caminhos de Ferro

A um nosso antigo assinante que coleciona desde o primeiro número da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, faltam-lhe as colecções completas dos anos de 1900, 1901 e 1902 que misteriosamente lhe desapareceram.

Compram-se pois na administração, todos os exemplares referentes às colecções acima indicadas.

Viagens e Transportes

Por motivo do avanço da hora legal em Portugal e França na noite de 24 para 25 de Fevereiro passado e enquanto a Espanha não adoptar igual medida, as marchas dos comboios n.^{os} 102 e 122, do Livro-Horário n.^º 81, foram substituídas, a partir do mesmo dia 25 e até aviso em contrário, respetivamente, pelas dos comboios n.^{os} 1102 e 1122.

Também por igual motivo e desde a mesma data é prolongada a Entroncamento a marcha do comboio n.^º 162, estabelecido o novo comboio n.^º 2123 e modificada a marcha do comboio n.^º 2146 entre Abrantes e Entroncamento.

Caminhos de Ferro Coloniais

ANGOLA

Foram apresentadas duas propostas, no concurso para a construção do ramal Dondo e Cassoala-dada; uma, pela Companhia Geral de Construções e outra, pela Sociedade Técnica de Engenharia. A primeira é de 7.253.466,5 angolares e a outra é de 7.506.794,80. Estão em estudo estas propostas.

— A Câmara Municipal de Luanda, aprovou os projectos da construção de casas, que se propõe edificar, nesta cidade, o Montepio dos Ferroviários de Angola. Estas construções devem iniciar-se brevemente.

— Sabe-se que foi inaugurado entre Luanda e Malange e vice-versa um serviço especial de passageiros e correio em auto-cars, da iniciativa da direcção do Caminho de Ferro de Luanda.

— Funcionam já as novas locomotivas, com mais potência de reboque, destinadas a encurtar a duração da viagem entre o Lobito e Elisabethville, na Katanga (Congo Belga). O novo horário é o seguinte: Partida do Lobito pelas 15,30, aos sábados; chegada a Elisabethville às 10 horas de terça; regresso ao litoral — partida de Elisabethville às 18,30 de quarta-feira e chegada ao Lobito às 10,5 de sábado.

Quereis dinheiro?
JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51
LISBOA
Sempre Sortes Grandes!



DR. LOURENÇO SIMÕES PEIXINHO

Presidente da Câmara Municipal de Aveiro

O Município de Aveiro

e as suas realizações

A notável accão do seu ilustre Presidente, sr. Dr. Lourenço Simões Peixinha

AVEIRO, cidade de tradições, cidade de beleza e centro admirável de turismo, com características únicas no país, tem tido no ilustre médico, sr. Dr. Lourenço Simões Peixinho, um grande servidor. O sr. Dr. Lourenço Simões Peixinho tem, naturalmente, como todos os homens públicos, amigos e adversários. Mas acima de simpatias ou inimizades o que êle tem é uma obra notável, realizada durante os longos anos da sua actividade como presidente da Câmara Municipal de Aveiro. É uma obra magnífica, de interesse público e de embelezamento da pitoresca cidade. O seu nome, por isso, está ligado a tudo que,

nestes últimos anos, se tem feito pelo progresso e pelo embelezamento de Aveiro, que dentro de poucos anos, não nos restem as menores dúvidas, ficará sendo uma das mais nobres cidades do país, de que o país se orgulhará.

Em seguida, damos a resenha das obras realizadas pelo Município, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço Simões Peixinho, que constituiam instantes e justas pretensões:

Avenida Central — Esta linda avenida liga o centro da cidade com as estações de Caminhos de Ferro da Companhia Portuguesa e do Vale do

Vouga, numa extensão de 1.200 metros, com trinta de largo, e possui duas artérias e uma placa central, aquelas com 10 metros de largo. Esta Avenida tem já hoje elevado número de edifícios de grande valor.

Parque da cidade — Aprazível recinto, dos melhores do País, situado entre o Jardim Público e o Hospital da Misericórdia, para o que se fizeram importantes transformações de terreno.

Estádio Mário Duarte — Anexo ao Parque da cidade, possui um rectângulo para futebol com as dimensões internacionais. Uma vez concluído, pois faltam-lhe as pistas de atlétismo e ciclismo e respectivas bancadas, ficará sendo um dos melhores do País.

Iluminação pública — Municipalização d'estes serviços, com uma nova central e uma perfeita rede de distribuição, com o que se gastou mais de 1.200 contos.

Nova iluminação — Em algumas das principais artérias da cidade. A da Avenida Central possui colunas de ferro fundido em número de 116, com grandes globos granitados. Igual iluminação existe também sobre as cortinas do Canal Central, Rua de José Estevão, Rua Viana do Castelo, Rua Coimbra, Rua Combatentes da Grande Guerra, Rua Gustavo Ferreira Pinto Basto e ainda em toda a Praça Marquês de Pombal.

Paços do Concelho — Modificação arquitectónica do edifício, ficando obedecendo rigorosamente ao estilo principal — D. João V. Nêle se acham instalados os principais serviços da Câmara Municipal, o Tribunal da Comarca e Repartições dependentes d'este.

Monumento aos Mortos da Guerra — Erigido na Avenida Central, a sua construção foi feita em mármore, granito e bronze, em apreciável trabalho do conhecido escultor portuense sr. Sousa Caldas.

Rua Coimbra — Seu alargamento — para o que se fez o arrazamento do terraço e escadaria fronteira à Igreja da Misericórdia.

Casas de reclusão — Edificação para ambos os sexos na antiga Igreja da Sé, em substituição das velhas cadeias.

Quarteis dos Bombeiros Voluntários — Construção do Quartel da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, na freguesia da Glória (cidade). Construção do Quartel da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes», na freguesia de Vera-Cruz (cidade).

Novo cemitério — Construção de um novo e amplo Cemitério, na parte sul da cidade, visto o antigo, por acanhado, ser bastante deficiente para a população de Aveiro.

Canalização de águas — Substituição de toda a canalização de água que abastece as fontes públicas.

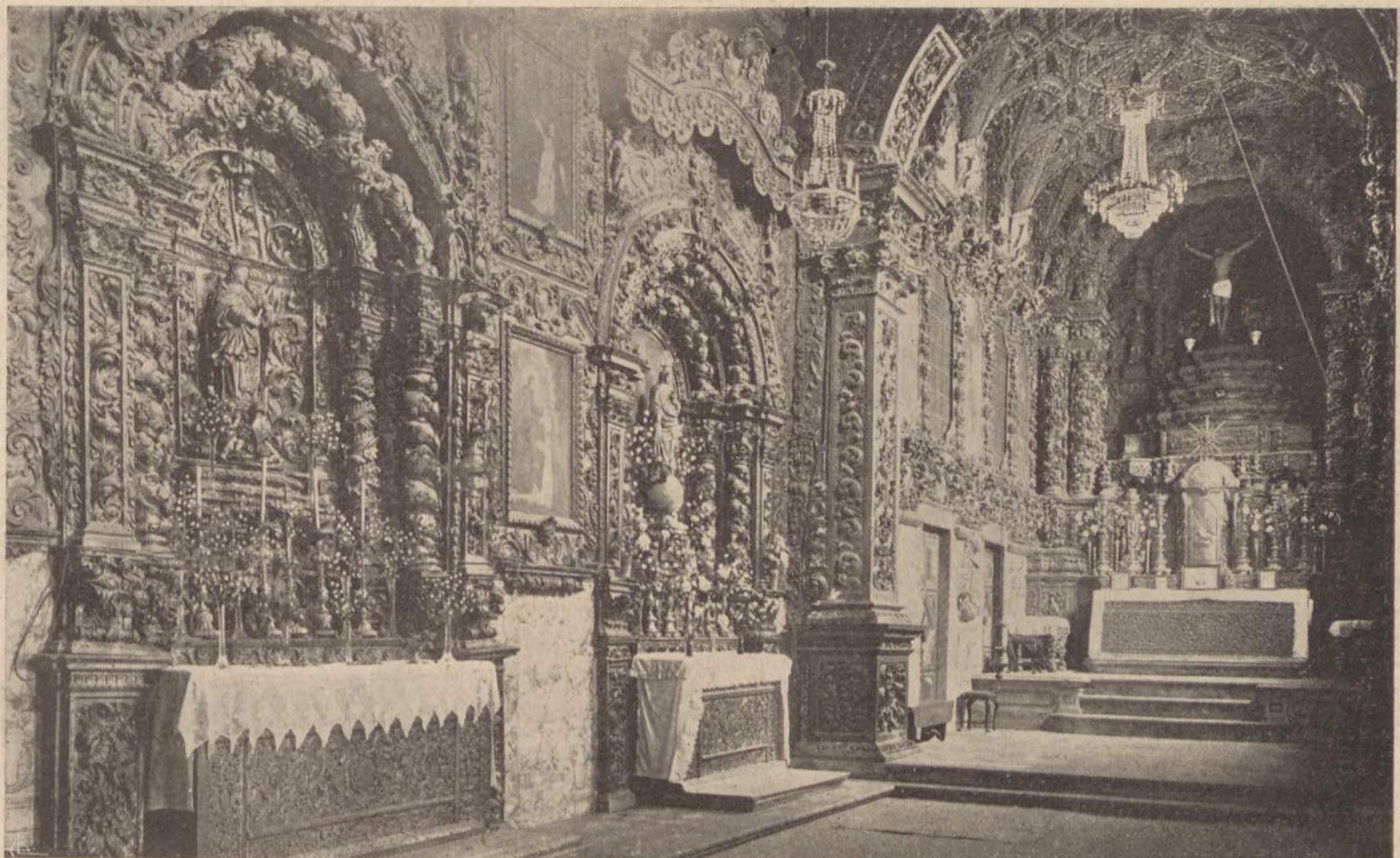
Marcos fontenários — Colocação de marcos fontenários em diversos locais da cidade.

Construções — De um grande depósito, em cimento armado, para água, de forma a abastecer o populoso bairro de Sá. De um outro, para água, no Jardim Público. De retretes públicos, mictórios e lavadoiros. De uma grande parte de colectores de esgôto. Da Abegoaria Municipal.

Biblioteca Municipal — Criação de uma Biblioteca Municipal, em edifício situado no centro da cidade, a qual se acha optimamente instalada, possuindo já



AVEIRO — SALA DE PINTURA DO MUSEU



AVEIRO — INTERIOR DA IGREJA DE JESUS

hoje elevadíssimo número de publicações, algumas de grande valor; e ainda criação de uma outra, embora menos valiosa, no Parque da cidade.

Escolas primárias — Construção de novas salas de aula nas Escolas primárias da freguesia da Glória (cidade). Construção de Escolas primárias nos lugares de Azurva, Costa do Valado, Vilarinho, Sarrazola, Póvoa do Valado, Mamodeiro, Taipa e Vilar, dêste concelho.

Camionetas — De uma com depósito de água destinada a regas; de outra, com carroceria apropriada, destinada ao transporte de carnes do Matadouro; e ainda de outras destinadas, umas aos serviços de higiene e limpeza e outras ao transporte de materiais.

Alargamento da Rua de Entre Pontes — Expropriação de algumas casas nos Arcos, centro da cidade, para alargamento da Rua de Entre Pontes e maior facilidade do trânsito de veículos.

Obras em projecto

A Câmara pretende levar a efecto os seguintes melhoramentos, de incontestável importância para a vida de Aveiro:

Condução de água aos domicílios por meio de canalização. Para tal fim já se iniciaram os trabalhos de pesquisa de água em vários pontos da cidade e lugares circunvizinhos, estando encarregado dos mesmos um categorizado engenheiro de Lisboa.

— Construção de um Mercado em terreno anexo à Avenida Central da cidade.

— Construção de um Matadouro em substituição do actual que é antigo e acanhado, tendo a Câmara adquirido já, para tal fim, uma extensa área de terreno em óptimo local.

— Rectificação do Canal da Fonte Nova com o Cais, na doca do Côjo, centro da cidade, construindo-se ruas marginais de 10 metros.

— Asfaltamento de toda a Avenida Central e pavimentação da sua placa central e passeios laterais; e ainda asfaltamento da Rua Gustavo Ferreira Pinto Basto e Praça Marquês de Pombal.

— Alargamento das duas pontes centrais do Canal principal da cidade, ponto obrigatório de passagem de veículos de toda a espécie.

— Construção de uma nova ponte para peões, junto ao Rossio, ligando êste com a Rua das Barcas.

* * *

A obra já realizada constitui uma garantia segura da próxima efectivação das obras projectadas. Homem de acção, com a consciência das realidades de Aveiro, o sr. Dr. Lourenço Simões Peixinho e os seus valiosos colaboradores continuam, com entusiasmo, uma obra de engrandecimento da clara e alegre cidade, das mais lindas do País.

O PORTO DE AVEIRO é o problema mais vivo, mais actual e mais importante da fertil e poderosa região. Da conclusão das suas obras, em andamento, não só depende o equilíbrio económico do distrito, mas, também, a valorização de todo o centro do país. O pôrto de Aveiro não é, por isso, exclusivamente, um problema regional, mas, acima de tudo, um dos maiores problemas nacionais.

Assim o têm compreendido todos quantos têm estado, últimamente, à frente do governo do distrito, assim o têm compreendido igualmente os poderes centrais, que às obras do pôrto e da ria têm vindo dispensando a sua atenção e o seu carinho.

Ninguém, no momento, melhor do que o ilustre engenheiro sr. Francisco Perdigão, actual director do pôrto, para nos falar do andamento em que se encontram as obras respectivas. Era a pessoa justamente indicada. Procurámo-lo, por isso, no seu gabinete, com a apresentação amável do sr. tenente-coronel Gaspar Inácio Ferreira, antigo governador civil do distrito, que nessa qualidade, e agora como vogal ilustre da Junta Autónoma da Ria e da Barra de Aveiro, tem dedicado também ao problema o melhor da sua atenção e influência.

— A boa entrada da barra, e acesso ao pôrto, começa o sr. eng.º Perdigão, estão dependentes das obras, de que já se executou a primeira fase, constituída pelo molhe do norte e pelos diques de concentração de correntes. Esta fase das obras destinou-se principalmente a uniformizar e a regularizar o canal de navegação que se segue à entrada da barra, e que anteriormente era extremamente variável, quer em situação quer em profundidade.

— Desde quando se encontram concluídas as obras da primeira fase?

— Desde Setembro de 1936, e pelo que se tem observado até agora, deram plena satisfação ao objectivo que se tinha em vista, pois que o canal de navegação vai melhorando muito apreciavelmente de ano para ano, à medida que as areias, que o pejavam, vão sendo arrastadas para o mar. As cheias do ano passado de 1939 e a pequena cheia que já houve no corrente ano, acentuaram consi-

Obras do pôrto de Aveiro

*Ouvinda a ilustre engenheiro,
sr. Francisco Perdigão*

deravelmente, quer em direcção quer em profundidade, a melhoria das condições de navegabilidade do canal interior que se tinham produzido desde a conclusão das obras. No outono de 1939 já todos os bateus que regressaram da pesca do bacalhau navegaram perfeitamente no canal sem qualquer dificuldade, o que ainda no ano anterior não tinha sucedido.

Mas o problema principal do pôrto é a entrada da barra, a poente das testas dos molhes. É certo que o aumento de secção de vasão do canal entre os molhes, consequência do arrastamento para o mar das areias que o pejavam, tem determinado um acréscimo considerável do volume do prisma

de marés da laguna, e que a ação d'este enorme volume de água (90 milhões de metros cúbicos) passando quatro vezes por dia no banco da barra numa direcção que é sensivelmente constante por ser a que os molhes construídos permitem, tem tido como resultado uma certa fixidez e mais alguma profundidade no canal através do banco da barra. Porém, na zona de rebentação do mar através de toda a largura do banco, a ação das correntes exteriores, variáveis com a direcção e intensidade dos ventos e estado do mar, destroi quase completamente os efeitos benéficos produzidos pelas águas lagunares.

— Como vai ser remediado esse inconveniente?

— Para resolver esta parte do problema, está feito o estudo, cuja execução consistirá no prolongamento do actual molhe do norte, na extensão de 710 metros, e na construção de um molhe sul, que ficará enraizado a cerca de 400 metros ao sul da testa do actual molhe do sul e que terá 704 metros. As cabeças dos novos molhes avançarão até às profundidades de 8 metros, o que permitirá que toda a navegação actual do pôrto e muita outra, de importância mais considerável, possa ter entrada no pôrto em condições de segurança em qualquer estado de tempo e de maré.

— Quando estarão concluídas essas obras?

— As novas obras estão orçadas em 39.120 contos e a sua execução deve ser levada a efecto em 5 anos. Se não fossem as condições internacionais, que actualmente pesam sobre o mundo, provavelmente essas obras seriam já iniciadas este ano. Mas elas excedem as possibilidades dos orçamentos normais desta Junta e terão de ser feitas pelo Estado, a quem depois serão pagas, de acordo com o que está estabelecido na lei de portos num número de anos que, na devida oportunidade, será determinado, segundo os recursos do nosso pôrto.

Em seguida, o sr. director do pôrto de Aveiro fala-nos sobre o movimento da barra:

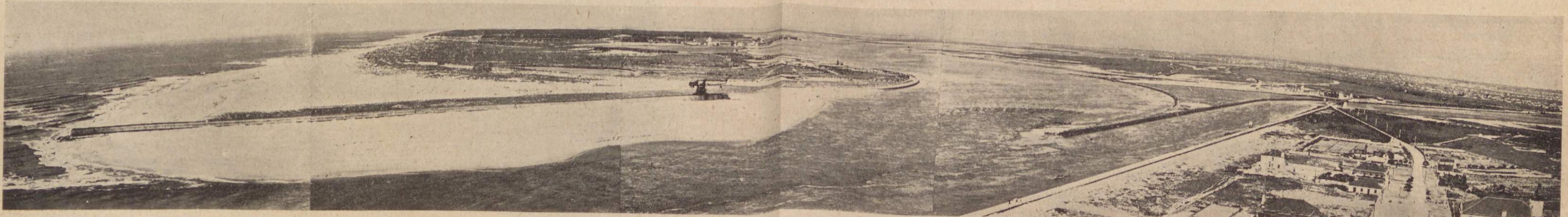
— O movimento d'este pôrto é constituído quase exclusivamente pelo dos navios de pesca do bacalhau, em que Aveiro é o primeiro de todos os portos portugueses. Cito alguns números. No ano de 1938 pescaram-se 6.350 toneladas, com o valor de cerca de 17 mil contos. No ano de 1939 esses números aumentaram muito, não me sendo possível, por enquanto, dizer qual o seu valor aproximado.

— Quantos navios se encontram matriculados no pôrto de Aveiro?

— O número total de navios empregados na pesca longínqua é actualmente de 18, incluindo 2 arrastões.

— E quanto ao sal?

— O prosseguimento das grandes obras do pôrto há-de valorizar extraordinariamente o sal, a principal produção da região de Aveiro, que no



UM ASPECTO GERAL DA RIA E PORTO DE AVEIRO

último ano foi calculada em cerca de 80 mil toneladas; a média dos últimos cinco anos é de 55 mil toneladas. A quasi totalidade deste produto sai actualmente por via terrestre, justamente por o acesso do pôrto nem sempre ser fácil às embarcações que poderiam, em condições muito mais favoráveis para o custo do transporte, conduzi-lo para os diferentes mercados portugueses e estrangeiros. O valor médio anual dos últimos cinco anos desse sal é de 3.500 contos e o número de pessoas empregadas na sua extração anda por 800. As condições desta indústria têm progredido consideravelmente depois da conclusão das obras da primeira fase de melhoramentos, em consequência do aumento da salinidade das águas da laguna resultante do maior volume de água do mar que nela entra. Há marinhas que estavam quasi improdutivas e que agora trabalham normalmente.

— A seguir ao sal, quais são as indústrias que beneficiarão com a conclusão das obras do pôrto?

— São as indústrias cerâmicas que virão a beneficiar consideravelmente da facilidade dos transportes marítimos, que a conclusão das obras há-de necessariamente trazer. Deve ainda contar-se com uma larga exportação de madeiras, de que o Vale do Vouga é riquíssimo e que hoje, devido à carestia dos transportes é uma riqueza mal explorada nesta região.

— É, portanto, um grande factor da economia da região o pôrto de Aveiro?

— Evidentemente. A melhoria das condições de acesso ao pôrto e do regimen hidráulico da laguna, que será a consequência da conclusão das obras projectadas, há-de refletir-se, consideravelmente, nas condições de vida da laguna e das populações que em volta dela se desenvolvem e que, diga-se de passagem, são as mais densas do país, pois chegam a atingir mais de 180 habitantes por quilómetro quadrado.

E o sr. engº Perdigão fornece-nos alguns dados interessantes sobre a vida da população da laguna.

— Esta população atinge 150 mil habitantes, e vive, pode dizer-se, da laguna, pois além da pesca que nela pratica, é dela que extrai o moliço com que fortifica as suas terras. A quantidade média anual dos últimos cinco anos é de cerca de 300 mil toneladas, com o valor de 3.600 contos, empregando-se na sua apanha 830 barcos com cerca de 1.750 tripulantes.

— E onde se faz a apanha do moliço?

— Em toda a área da ria, especialmente nas zonas da Torreira e Costa Nova. Para a descarga do moliço e de todas as mercadorias que transitam na ria, existem na sua extensa área de 6 mil hectares 115 cais, cuja construção, reparação e conservação estão a cargo da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro. Desta simples indicação se vê como é extenso e variado o programa de trabalhos desta Junta, e como é limitado o número daqueles a que anualmente pode atender com os necessários cuida-

dos, se se observar que as receitas próprias da Junta pouco excedem 1.500 contos.

— São então grandes os encargos da Junta?

— Bastará dizer que além dos trabalhos da conservação desses cais, tem ainda a Junta como objectivo principal a conservação e o aprofundamento dos canais que lhe dão acesso. Para este fim tem o serviço de dragagens, organizado com 4 dragas próprias. Porém, o volume principal das dragagens efectuadas nos últimos anos tem sido realizado com as dragas «Dr. Oliveira Salazar» e «Costa Serrão», da divisão de dragagens da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos. No ano de 1939 o volume total dos dragados na ria atingiu a cifra de 310.000 metros cúbicos.

O sr. engº refere-se agora ao programa de 1940:

— O programa de trabalhos do ano em que estamos é muito vasto e a sua execução terá infelizmente de ser limitada, pela exiguidade do orçamento da Junta. Só a obtenção de subsídios importantes, permitirá desenvolver convenientemente todos os trabalhos em vista, que muito contribuirão para reduzir a miséria que a falta de trabalho tem trazido para toda a zona lagunar. Entre os trabalhos principais que estão projectados para o corrente ano, figuram o aprofundamento do canal de acesso ao ancoradouro da Gafanha, desde o forte da barra, por forma a permitir que os navios venham directamente ali de uma só vez, desde que entram a barra, em vez de, como até agora, caminharem por etapas sucessivas, de acordo com as possibilidades que as marés oferecem. Esses trabalhos de dragagem, continua o sr. engenheiro, estão orçamentados em cerca de 1.850 contos. Projecta-se também a dragagem dum longo canal ao longo das secas, na Gafanha da Cal da Vila, que combinado com a construção de pontes de atracação em cimento armado e com a avenida marginal ao largo das mesmas secas, já executada no ano de 1939, constituirá o verdadeiro inicio do pôrto comercial de Aveiro.

E a concluir o seu depoimento de alto interesse, diz-nos o ilustre engenheiro:

— Actualmente está em curso a empreitada de regularização e revestimento da margem do canal de S. Jacinto, junto da povoação do mesmo nome destinado a defendê-la contra as excavações que as correntes lagunares têm produzido e que nos temporais de 1937 por pouco iam arruinando completamente aquela povoação. Esses trabalhos importarão em cerca de 590 contos.

Com a sua alta competência, e, ainda, com a visão dos problemas económicos e sociais, que o pôrto de Aveiro, quando concluído, virá solucionar, falou o sr. engenheiro Francisco Perdigão. É que o ilustre director do pôrto de Aveiro tem a compreensão exacta das realidades nacionais.



CANAL CENTRAL DE AVEIRO

CP Caminhos de Ferro Portugueses
Comissão do Museu Ferroviário (CEMF)

N.º

A indústria do sal

*Necessidade da sua organização,
dentro dos moldes corporativos*

O sal é uma das grandes indústrias do País e uma das principais de Aveiro. Da sua exploração vivem milhares de pessoas. Como se exerce essa indústria? De que meios precisa ela para constituir uma riqueza permanente quer para os proprietários das marinhas quer para os seus numerosos assalariados?

Em Aveiro dá-se às «salinas» (designação do sul) o nome de «marinhas». A exploração é feita de sociedade entre o proprietário e o marnoto, sendo o produto da venda do sal partilhado a meias. Ao proprietário compete a conservação e melhoramento das marinhas e as respectivas contribuições; o marnoto fica com o encargo de pagar a mão de obra e as despesas com a alfaia. O que vem a ser o «marnoto»? O marnoto é o nome que se dá ao técnico que dirige os serviços da produção. O comércio do sal é feito de comum acordo entre o proprietário da marinha e o marnoto.

Porém, a indústria do sal nem sempre é lucrativa, pois está sujeita às contingências do preço, que depende da importância e volume da pesca,

da apanha da azeitona e das matanças tradicionais da região. O sal de Aveiro tem mercado certo nas Beiras e no Norte e, quando estiver concluído o pôrto, a sua expansão para o Sul do País será feita em melhores condições.

Sobre a necessidade de organizar a indústria e de a defender contra todas as contingências, trocámos algumas impressões com o 1.º tenente de marinha, sr. Jacinto Leopoldo Monteiro Rebôcho, individualidade de destaque em Aveiro e conhecedor do assunto.

O sr. 1.º tenente Monteiro Rebôcho começou por nos dizer que o sal de Aveiro é considerado o melhor do País e que a sua produção tem aumentado desde que se iniciaram as obras do pôrto. Essa produção, todavia, tem que ser dirigida no sentido de se evitar o aviltamento dos preços.

E o nosso ilustre e obsequioso entrevistado apresenta-nos o seu ponto de vista, que bem merece a atenção e a consideração dos interessados:

— Em meu entender, e julgo que no de toda a gente, há necessidade de uma organização da in-

dústria, generalizada a todo o país, que, continuando a respeitar as modalidades de exploração existentes, possa evitar o aviltamento dos preços, faculte possibilidades de criar reservas e limite, quando se tornar necessário, a produção de forma a que não haja uma super-abundância de sal — sempre tão prejudicial para a economia da nossa região.

Sem estabilidade de preços — não se podem manter os mercados necessários ao escoamento do excedente da produção que o consumo nacional exige, e além disso é indispensável encorajar a exportação do sal produzido nos centros salineiros em condições de o fazer, de forma a compensar o exportador da inferioridade ou menor preço porque o pode colocar no estrangeiro.

— Nunca se tentou, até hoje, regulamentar a indústria do sal?

— Já houve, é certo, algumas tentativas locais de organização, que falharam por falta de espírito associativo dos interessados. Chegou-se mesmo a fazer uma proposta de organização obrigatória nos

moldes corporativos. O projecto dessa organização foi apresentado no Ministério do Comércio, mas, até agora, não se obteve, a seu respeito, qualquer resposta.

— Para a valorização do sal, o que julga indispensável fazer-se?

— Em primeiro lugar, a aferição de medidas ou a adopção de medidas certas. Em segundo lugar, a criação dum preço mínimo obrigatório suficientemente remunerador. Depois, facilidade de exportação, que dependerá do estado da barra, tornando-se urgente, por isso, a conclusão das obras do pôrto. Finalmente, a diminuição do custo de transportes em caminho de ferro é um problema que não pode ser pôsto de parte.

— Tudo isto, conclui o sr. tenente Monteiro Rebôcho, só se poderá conseguir eficazmente com a imprescindível organização da indústria.

Nas suas linhas gerais, em resumo, o sr. tenente Rebôcho traçou-nos um programa de organização duma indústria importante, das mais ricas da região de Aveiro.



AVEIRO — PINTURA DA PROA
DUM BARCO MOLICEIRO

Costumes de Aveiro

AS ENTREGAS

Pelo Dr. ANDRÉ DOS REIS

Sopra, lá fora, agreste ventania...

De quando em quando, grossas bátegas fustigam impiedosamente as janelas do nosso gabinete de trabalho, através das quais gozamos diariamente o panorama vastíssimo da Ria, tão linda, tão majestosa, habitualmente calma, serena, e que, nesta hora, se agita e encrespa...

As ribeiras avolumam-se; os rios, avançando caudalosos, em zigue-zagues, por entre as fragas e penedias, defluem vertiginosos e, trasbordando, alagam os campos e as marinhãs.

Diz um velho adágio *que mal vai a Portugal, se não há duas cheias, antes do Natal.*

No presente inverno, não houve qualquer cheia durante aquêle período, mas uma veio, depois, e muito a tempo.

O ano de 1939 foi pródigo em chuvas e, se o rifão verdadeiro é, devemos esperar que o 1940 — o dos centenários — seja farto e abundante.

De frio, por cá, algum temos sentido. Mas em Aveiro — oh, torrão bendito! — nem calores excessivos, nem frio de enregelar.

Nesta quadra, se não fruímos uma temperatura, que possa classificar-se de doce e amorável, também não lhe podemos aplicar o qualificativo de arripiante.

Esta relativa benignidade do clima da nossa região faz com que uma série de calafrios nos contraria a epiderme quando, lendo os jornais ou ouvindo o rádio, nos chega a notícia de que, por exemplo, na Finlândia — nobre e valorosa Nacionalidade! — se suportam 48° abaixo de zero, temperatura esta que, a-pesar-de negativa em excesso, tem constituído para o exército dos bolchevistas um verdadeiro *refuste*.

Passe o minhoto provincialismo.

Visto à Finlândia havermos aludido, ainda que de passagem, lícito nos seja deixar expresso nesta crónica o voto de que os fineses já mais as mãos lhes doam e que Deus os ampare e fortifique para infligirem, afinal, aos inimigos da Cultura e da Ci-

vilização a maior derrota, como de resto é ambição de aqueles que em todos os cantos do Globo amam a Liberdade e a Justiça.

Embora, como dito ficou, não sofram das asperezas do enregelamento, *que faz tremer o frio em cada membro*, quem nos dera, já, naquela estação em que:

«As aves namoradas,
dos floridos ramos penduradas,
saltitam contentes pelas campinas
e veigas, quando
já abre a bela Aurora,
com nova luz, as portas do Oriente
e mostra a linda Flora
o prado mais contente,
vestido de boninas,
aljofradadas de gotas cristalinas.»

* * *

À hora, em que esta começámos a rabiscar aqui, estralejava, e a estralejar continua, o foguetório em diversos pontos citadinos.

É que esta temporada é, em Aveiro, muito festiva. Desde o Natal até a Epifania, o nosso povo vive dias felizes; dias cheios duma alegria sã, essa alegria tão característica da alma portuguesa.

É o tempo das tradicionais *entregas*.

Os leitores da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», que nunca estiveram nêste rincão da Beira-mar durante a época do Natal, perguntarão, certamente, o que é uma *entrega*.

Cumpre-nos, pois, elucidá-los, e a isso não nos furtaremos para que fiquem conhecendo uma velha e típica usança local, aquiescendo, assim, a gentil solicitação, que nos foi feita:

Em Aveiro, terra genuinamente patriótica e nitidamente democrática, o que nada briga com a religiosidade, existem legalmente eretas, entre outras, as Irmandades do S. S. das freguesias da Vera-Cruz e da Glória; a do Senhor do Bemrito — muito querida dos nossos pescadores — e a do Senhor Jesus Crucificado. A estas quatro confrarias incumbe a celebração das principais festividades litúrgicas do ano, as quais, como é fama, aqui se realizam com desusada imponência.

Compõe-se, cada uma das citadas Irmandades do S. S., de 8 mordomos; a do Senhor do Bemrito dum número variável, nunca inferior a 16, e a última de 20.

Em tôdas elas, há, além dos falados mordomos, quatro *cargos*: — o *cargo maior* ou de juiz e os três *menores*, que, por ordem de precedência, são: — o de escrivão, tesoureiro e mordomo do altar.

Segundo as leis estatutárias destas agremiações, para que delas se possa fazer parte, é necessário receber o *ramo*, e só pode receber o de cargo maior

quem já tiver servido de escrivão, tesoureiro ou mordomo do altar e, por seu lado, para o exercício de qualquer dos cargos menores, imprescindível é haver recebido o ramo de simples mordomo.

A antigüidade da inscrição na confraria constitui motivo de preferência para o desempenho de qualquer cargo.

A renovação das mencionadas Irmandades é feita, respectivamente, em 26 e 27 de Dezembro; no dia de Ano-Bom e no primeiro domingo depois do 1.º de Janeiro. É nêstes dias que se efectuam as *entregas dos ramos*. A entrega é um cortejo, mixto de religioso e de profano.

Terminada a missa solene, a grande instrumental, os mordomos e cargos, que nos indicados dias acabam a sua missão, enfileiram-se a dois e dois, e, revestidos de suas opas de seda encarnada e borlas de oiro, vão, a passo ordinário, empunhando os ramos, que têm pendentes laços de fitas, também de seda e de côres variadas, percorrer processionalmente as ruas da cidade, acompanhados dum a banda de música e de muito povo.

Dirigem-se das igrejas paroquiais a outros templos ou à porta de certa residência, onde a pessoa que tem de receber o ramo aguarda, com a família e amigos, o alegre cortejo e o momento da cerimónia.

Na dianteira da florida procissão, a garotada, aos pulos, conduz acesos alguns morrões, feitos de trapo, e com o seu assobiar estridulante acompanha a peça, que a filarmónica executa, quase sempre uma composição tirada das revistas mais em voga.

Quer o ramo seja aceito na igreja, quer à por-

ta, a cerimónia é sempre a mesma. Chegada à Irmandade, o parceiro *entregador* avança e ajoelha sobre uma almofada de setim, seda ou veludo, e, beijando a passadeira do laço de fita pendente, depõe o ramo nas mãos do aceitante que, também ajoelhado, por sua vez beija aquela, passando em seguida o ramo entregue, à mulher, filha ou irmã que, muito de propósito, ficou colocada a seu lado para sustar aquele, enquanto o marido ou irmão, já de pé, abraça todos os confrades cessantes.

Grandes e pequenos, nobres e plebeus, ricos e pobres, se confundem, por momentos, num apertado amplexo.

A fina mão aristocrática não se peja de sentir, então, junto da sua, a mão calosa do trabalhador de enxada. É o lado democrático da festa.

Durante esta cena, a música não tem cessado de tocar; por instantes o templo, se o ramo é entregue na igreja, transformou-se em praça pública; o aranzel e balbúrdia, que nele vão, são enormes e, cá fora, entram a funcionar os morrões do rapaz, *atiçando* a foguetada com que os amigos do aceitante atroam os ares.

Outros rapazitos, sempre de nariz no ar, andam em correrias, dum

lado para o outro, a fim de apanharem os *rabos* que vão caíndo. Não raro se engalfinham, saíndo às vezes os mais fracos com as ventas esmurradas em consequência da luta.

Terminada nesta igreja a cerimónia da entrega, reorganiza-se o cortejo, indo a mesma cena repetir-se em outros templos até estarem entregues todos os ramos.

Em casa do parceiro, que aceitou, está prepa-



AVEIRO — IGREJA DO SENHOR DAS BARROCAS

rado um altarzinho onde, ao lado da Imagem do Crucificado e entre flores e luzes, é pôsto numa jarra o ramo recebido.

Quando a entrega se faz à porta — o que presentemente é raríssimo — o limiar desta é juncado e tapetado e toda a casa do novo parceiro encontra-se caprichosamente enfeitada com palmeiras e outras plantas.

Entre parêntesis:

É do estilo enviar o parceiro, que entrega, ao que recebe, um presente de doce, e, na véspera à noite, ir queimar-lhe uma ou duas dúzias de foguetes em frente da casa da habitação, depois do que entra e ceia com êle e com a família.

O novo parceiro deve, segundo a praxe, oferecer um banquete ao que lhe entregou o ramo, bem como a todas as pessoas que lhe enviaram presentes, por virtude da recepção do ramo.

Fechado o parêntesis, prossigamos:

Pelas três horas da tarde terminou a entrega.

Às seis, os antigos mordomos reúnem-se, de novo, no adro da igreja matriz e enfiados nos seus gabões, faixas brancas à cintura e barretes encarnados nas cabeças, aí se vão à luz dos archotes, acompanhados de muitos populares e da filarmónica, cumprimentar os novos confrades.

Cada um sobraça, pelo menos, a sua dúzia de foguetes, que são queimados à porta daqueles a quem os ramos foram entregues.

Em seguida, mordomos e filarmónica são convidados a entrar.

O parceiro, que aceitou, tem disposta na sala principal *a mesa dos mordomos* sobre a qual, coberta de fina toalha, se encontram os belos manjares brancos, lampreias-doces, ovos-moles e em fio, pão de 16, pasteis de nata, queijadinhas de Sintra, bulharacos, rabanadas, leite crême, letria, arroz-doce, etc., etc., à mistura com garrafas de vinhos generosos e finos licores.

Lá dentro, em outra sala, fumegam nas traves-sas o *fiel amigo* cozido com batatas; o saboroso arroz de capatão ou a bela pescada.

É a *mesa da música*, que come e bebe, à tripa-fôrra.

De vez em quando, a filarmónica rompe com qualquer trecho popular e tudo, ainda os mais sisudos, ri, folga, brinca e dança.

A certa altura, escusado será dizê-lo, ninguém se entende.

Os amigos do novo mordomo vêm cumprimen-tá-lo, queimando até à madrugada dúzias e dúzias de foguetes em frente da casa e invadindo-a de-pois, ali se *pregam* à mesa, comendo e bebendo como uns alarves.

Há menino que por si só, *destroi* o que daria para dez.

No dia do recebimento do ramo, quem menos governa em sua casa é o dono dela.

Imagine-se, pelo que dizemos, o lindo estado em que se encontrarão os velhos mordomos e os filarmónicos depois de terem percorrido todas as casas.

Os executantes musicais têm perdido a emboca-dura e a Irmandade, essa, por sua vez, já tem mu-dado de nome... é a confraria de S. Martinho.

A apresentação das mesas, como atraç descre-vemos, dava-se no tempo em que a libra oiro corria no mercado a 4\$500 e o ramo era entregue à porta, o que arruinou muitas casas mais modestas com sucessivos recebimentos e as correspondentes despesas.

A desvalorização da moeda; o encarecimento da vida e os abusos dos comilões fizeram com que, hoje, os ramos sejam quase todos recebidos na igreja, o que dispensou sempre e dispensa maiores despesas.

As entregas dos ramos, actualmente, são, porém, apenas um pálido reflexo do que foram em áureos tempos.



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE AVEIRO

Os Vinhos Finos e de Meza

((Scalabis))

**são os vinhos que levam
a tôda a parte o nome
da linda região de Aveiro**

SOCIEDADE DE VINHOS SCALABIS, L.^{DA}

(ARMAZENISTAS E EXPORTADORES)

A V E I R O

PENSÃO RESTAURANTE BARROS

DE

MANUEL JOSÉ DE BARROS

Bons quartos bem mobilados — Quartos de Banhos — Esmerado serviço de Café e Restaurante — Magnífico tratamento — Especialidade em vinhos comuns e engarrafados — Bebidas nacionais e estrangeiras — Refeições aos domicílios — Esta Casa prima pelo bom tratamento e economia — Preços especiais para viajantes, excursões e comensais :

— GARAGE PARA RECOLHA DE CARROS

TELEFONE 167

LARGO DA ESTAÇÃO — AVEIRO

CAMISARIA

PERFUMARIA

JARDIM DAS MODAS

CARLOS M. MENDES

R. Coimbra (Antiga Costeira) — Telefone 211 — AVEIRO

M O D A S

RETROZARIA

OURIVESARIA VILAR

JOALHARIA E RELOJOARIA

**OURO — PRATAS — JÓIAS — RELÓGIOS
SECÇÃO DE ÓPTICA COMPLETA**

Ruas de: José Estêvão e Mendes Leite

AVEIRO

ELITE AVEIRENSE

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS E MODAS

Confecções — Camisaria — Gravatária — Perfumaria
Artigos de Sport — Correspondente da Companhia
: : : de Seguros «União dos Proprietários» : :

EDUARDO OSÓRIO & FILHO, SUC.

Rua Mendes Leite e Praça 14 de Julho — AVEIRO

TELEFONE 98

SAPATARIA MIGUEIS
CALÇADO DE LUXO E POPULAR

RUA COIMBRA — AVEIRO — PORTUGAL

CASA DOS OVOS MOLES

de MARIA DA ENCARNAÇÃO MOURÃO, SUC. RA

Tem sempre à venda os melhores doces da região
Dóces de ovos e recordações, como barriquinhas, cestos, loiças, etc.

Rua Coimbra, 3-A e 3-B — AVEIRO — Telefone 103

BRUNO DA ROCHA & C.^A

Armazem de Mercearias e Cereais

Secção de Retalho de Mercearia fina — Vinhos da Região do Dão — Moagem de Cafés a electricidade — Agentes depositários das Cervejas «Pilsener Cristal», Laranjada «Invicta», «Ponche Rei de Siam» e das águas minero-medicinais «Bem Saúde» :

LARGO DA ESTAÇÃO E AVENIDA CENTRAL

Telefone 105

AVEIRO

LOJA DO GUIMARÃIS

DE
Manuel Lopes da Silva Guimarãis
LANIFÍCIOS E TECIDOS DE ALGODÃO
Rua Domingos Carrancho, n.º 1, 1-A e 1-B — AVEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE AVEIRO

Manuel Barreiros de Macedo, Filho

Praça do Comércio — AVEIRO

ESTABELECIMENTOS
mercearia fina e padaria

«O melhor café é o da Padaria MACEDO»

HAVANEZA CENTRAL
DE
ARTUR DOS REIS

LIVROS ESCOLARES, CIENTÍFICOS E RECREATIVOS
TODAS AS NOVIDADES LITERÁRIAS
MÁQUINAS E ARTIGOS FOTOGRAFICOS
GRAMOFONES E DISCOS

Objectos para escritório. Pintura e confecção de Flores. Postais ilustrados

Papelaria — Tabacos — Depositário
da Imprensa Nacional de Lisboa

P. Dr. Joaquim M. Freitas e R. João Mendonça — AVEIRO

CAFÉ RESTAURANTE

«Gato Preto»

ALMOÇOS E JANTARES
SERVIÇO PERMANENTE
DE RESTAURANTE



Telefone 205 — AVEIRO

João Velhinho

(CASA FUNDADA EM 1880)

MÓVEIS — TAPETES — COLCHOARIA — ESPELHOS

Rua José Estêvão — AVEIRO

(Em frente ao Quartel da Guarda Nacional Republicana)

MANUEL DAS NEVES

ADVOGADO

A V E I R O

ARCADA HOTEL
AVEIRO

Este magnífico hotel, o único que existe em Aveiro com essa categoria, é dos melhores da província e fica situado no centro da cidade, à beira da sua encantadora ria. Possui 40 quartos mobilados com todo o conforto moderno e água corrente; tem casas de banho em todos os andares, aposentos higiénicos, sala de jantar expiêndida, cozinha primorosa e vistas surpreendentes para todas as direcções. No rez-de-chão Café e Pastelaria. DIÁRIAS DE 25\$00 A 50\$00. Para hóspedes permanentes e famílias, preços de harmonia com o tempo de demora.

Telefone n.º 78 — Telegramas: ARCADA HOTEL

PASCOAL & FILHOS, L.^{DA}

PESCA DO BACALHAU

Seca na GAFANHA

LUGRES: Raínha Santa Isabel e D. Deniz

Telefone N.º 52 — AVEIRO

Emprêsa Refinadora de Sal, L.^{DA}

O melhor sal para uso doméstico, refinado e cristal, em pacotes. A venda em todos os bons estabelecimentos. A granel em sacos de 55 kilos para fábricas de manteiga, padarias, etc.

Telef. 25

AVEIRO

José Antunes de Azevedo, Suc. res, L.^{DA}

CASA FUNDADA EM 1847

**LANIFÍCIOS, TECIDOS DE ALGODÃO,
MALHAS E CHALES**

Agentes da Companhia de Seguros GARANTIA

Praça do Comércio, 5

AVEIRO

**Café e Pastelaria Chic
DE ANTÓNIO DOS SANTOS NEVES**

Especialidade em toda a qualidade de doçaria e pastelaria, bem como o bolo de arrós VENEZA

PRAÇA DO COMÉRCIO

AVEIRO

Teatros e Cinemas

CARTAZ DE HOJE

TEATROS

NACIONAL - 21,30 «O criado-patrão».
 AVENIDA - 21,45 «O carro do Jacinto».
 GIMNASIO - 21,45 «Os velhos».
 TRINDADE - 21,30 Concerto.
 VARIEDADES - 20,45 e 22,45 «O cabo Elísio».
 MARIA VITÓRIA - 20,45 e 22,45 «Nazare».
 COLISEU - 20,45 e 22,45 «Pôrto ao sol».

CINEMAS

EDEN - 21,30 «Nossa Senhora de Paris».
 OLÍMPIA - Desde as 14,30 - Sessões continuas.
 TIVOLI - Sempre estreias.
 CONDES - Programas de fino agrado.
 CENTRAL - Restauradores.
 PALÁCIO - Estupendos programas.
 ODÉON - Programas de bom agrado.
 CHIADO TERRASSE - Filmes de grande metragem.
 CAPITÓLIO - Parque Mayer.
 PARIS - Filmes excelentes.
 REX - Filmes de grande agrado.
 LYS - Programas variados com filmes escolhidos.
 EUROPA - Rua Almeida e Sousa, 63.
 PAVILHÃO PORTUGUÊS - Parque Mayer.
 CINE BÉLGICA - R. da Beneficência, 175 (ao Régo).
 BELEM JARDIM - R. Barlomomeu Dias.
 CINEMA ROSSIO - Programas variados.
 CINE PÁTRIA - Rua do Grito.
 IMPERIAL - Rua Francisco Sanches.
 SALÃO DE «A VOZ DO OPERÁRIO».
 JARDIM-CINEMA - Avenida Pedro Álvares Cabral.
 MAX-CINE - Rua Barão de Sabrosa, 27.
 CINE ORIENTE - Avenida General Roçadas.
 CINEMA RESTAURADORES - Restauradores.
 ROYAL - Rua Direita da Graça, 100.
 PALATINO - Rua Filinto Elísio, C. V.
 SALÃO PORTUGAL - Travessa da Memória.

JARDIM ZOOLÓGICO - Exposição de animais.

O SUISSO ATLANTICO HOTEL

Roga que experimentem o seu tratamento e preços sem confronto. Muito especial para família. Condição única pelo sozinho.

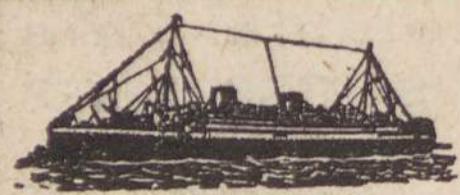
Rua da Glória, 3 - Telefone 21925

AOS
FERROVIÁRIOS
 DO CONTINENTE
 E DO ULTRAMAR
 DESCONTOS DE DEZ POR CENTO

na «Escola Comercial Portuguesa, por Correspondência», Rua do Arsenal, 54, 3.º-LISBOA
 (FUNDADA EM 1930; E AO ABRIGO DO DECRETO N.º 23.447)

EM DOZE OU EM VINTE MESES, HABILITAÇÃO GARANTIDA PARA **GUARDA-LIVROS**

Ensino fácil, ao alcance de todos: Escritação Comercial, Contabilidade, Estenografia, Caligrafia, Dactilografia, etc.. Planos de estudo, preços, etc., no livro ESTUDE EM SUA CASA que se envia, grátis, a quem o pedir.



MALA REAL INGLEZA (ROYAL MAIL LINES, LTD.)

Continuam regularmente as carreiras para Madeira, Las Palmas, S. Vicente, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, e Buenos Aires, e no regresso da América do Sul para Vigo, Coruna, Cherbourg, Boulogne, Southampton e Londres. Todos os paquetes desta antiga Companhia têm as mais modernas condições de conforto e segurança. Agentes para passagens e carga: Em Lisboa: Para os paquetes da classe «A» James Rawes & Co. Rua Bernardino Costa, 47-1.º Telefones: 23232-3-4. Para os paquetes da classe «H» E. Pinto Basto & Ca. Ltda. Avenida 24 de Julho, 1-1.º Telefones: 26001 (4 linhas). No Pórtico: Tait & Co. Rua Infante D. Henrique, 19 Telefone: 7.

TINTURARIA Cambournac

11, LARGO DA ANUNCIADA, 12
 TELEFONE 26415

Sucursal no Pôrto: RUA DE S.ª CATARINA, 380

Oficinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

Tintas para escrever de diversas qualidades rivalizando com as dos fabricantes ingleses, alemãis, e outros

Tinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como fato feito ou desmanchado - Encarrega-se de reexpedição pelo caminho de ferro ou qualquer outra via - Limpa pelo processo parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem serem desmanchados - Os artigos de lã, limpos por este processo, não estão sujeitos a serem atacados pela traça

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2º Telef. 26519

Dr. Armando Narciso - Medicina, coração e pulmões - ás 5 horas
 Dr. Bernardo Vilar - Cirurgia geral, operações - ás 5 horas
 Dr. Miguel de Magalhães - Rins e vias urinárias - ás 10 horas
 Dr. Correia de Figueiredo - Pele e sifilis - ás 6 horas
 Dr. R. Loff - Doenças nervosas, electroterapia - ás 3 horas
 Dr. Mario de Mattos - Doenças dos olhos - ás 2 horas
 Dr. Mendes Bello - Estomago, figado e intestinos - ás 4 horas
 Dr. Filipe Manso - Doenças das crianças - ás 12 horas
 Dr. Casimiro Afonso - Doenças das senhoras e operações - ás 2 horas
 Dr. Francisco Calheiros - Garganta, nariz e ouvidos - ás 3,30 horas
 Dr. Armando Lima - Bôca e dentes, prótese - ás 12 horas
 Dr. Aleu Saldanha - Raio X - ás 4 horas

ANÁLISES CLÍNICAS

Thomaz da Cruz & Filhos, Ltd.^a

Armazéns de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração

PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA
 DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO

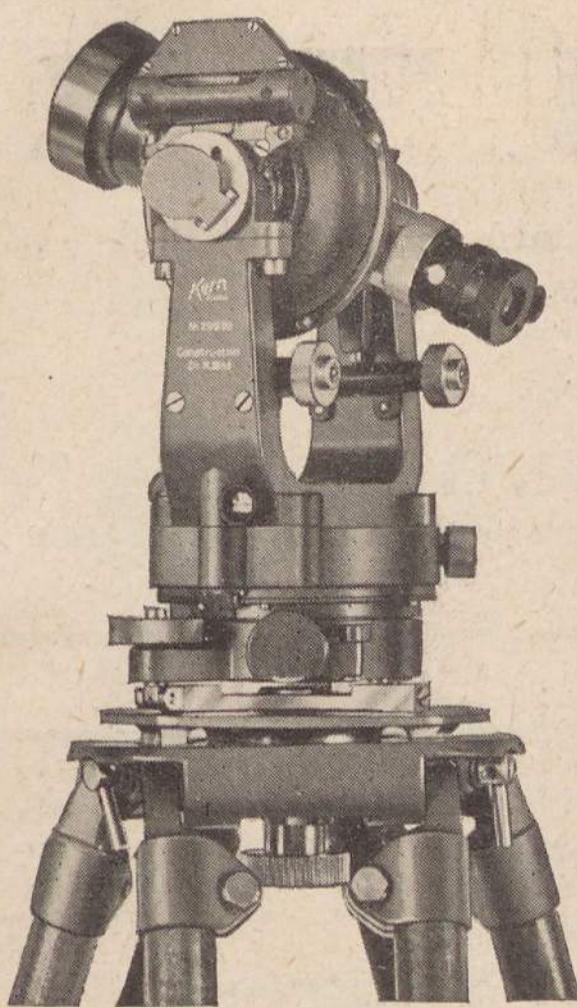
CAIXOTARIA
 DOCA DE ALCANTARA
 LISBOA

Séde para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO - PORTUGAL
 TELEFONE PRÁIA 4

Escrítorios - L. DO STEPHENS, 4-5 - LISBOA

Telegrams: SNADEK - LISBOA Telefone: 21868



TEODOLITO D K 1

Kern
AARAU
SUISSE

A última criação do Dr. H. Wild, para poligonometria, triangulação secundária e outros trabalhos. Novos e importantes dispositivos permitindo um trabalho mais rápido e preciso.

Á venda em todas as casas da especialidade

AGENTES EM LISBOA

CARLOS GOMES & C. A. L. DA
15, Rua dos Fanqueiros

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

CAPITAL ACÇÕES — Esc. 330 000.000\$00

CAPITAL OBRIG. — Esc. 1.063 365.600\$00

SÉDE EM LISBOA

LARGO DO QUINTELA, 3

COMITÉ DE LONDRES:

PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração:
Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros
1.347. Distância do Lobito à região mi-
neira da Katanga: Quilómetros 1.800

COMPANHIA DE SEGUROS



Européa

Capital realizado: 560.000\$00

SEDE

Rua Nova do Almada, 64, 1.º

TELEFONE 209II

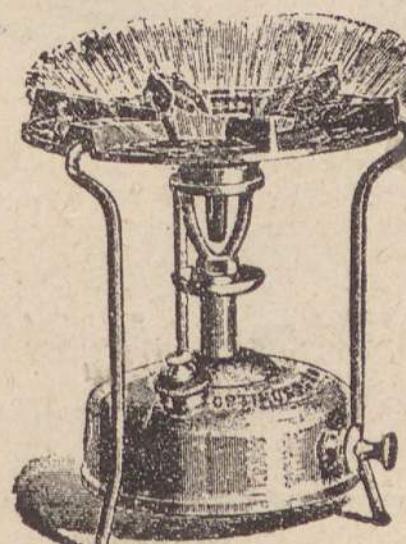
L I S B O A

Seguros de ACIDENTES e DOENÇAS

TARIFAS ESPECIAIS PARA OS FERROVIÁRIOS

Serviço combinado com os Caminhos de Ferro para
seguros de Passageiros, Bagagens e Mercadorias.

"A Nova Loja de Candeeiros"



Vende ao preço da tabela: Fogões, Esquentadores, Lanternas e todos os artigos da VACUUM

Única casa no género que tem ao seu serviço pessoal técnico que pertence àquela Companhia, tomando responsabilidade em todos os concertos que lhe sejam confiados

R. Horta Seca, 24 - LISBOA - Tel. 22942

LUSALITE

Chapas onduladas para telhados, e lisas para tabiques, tetos, isolamentos, etc. Canalizações de água, gaz e vários produtos químicos, industriais e agrícolas para protecção de redes subterrâneas eléctricas e telefónicas, etc.

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}
 RUA DE S. NICOLAU, 123 — LISBOA — Telefones 22091 (três linhas) — Estado 390
 Enderéço telegráfico: LUSALITE

BOVRIL

O reconstituente ideal, aconselhado pela classe médica, por ser o extracto da melhor carne de vaca de raças seleccionadas e criadas nas férteis pastagens da AUSTRÁLIA e da ARGENTINA



2 ONÇAS



4 ONÇAS



8 ONÇAS



16 ONÇAS

Mantém inalteráveis todas as suas qualidades conservando-se o frasco hermeticamente fechado com a tampa, de sistema patenteado. A economia exige a compra do frasco maior.

Gostosamente fornecemos amostras, aos Ex.^{mos} médicos para ensaios clínicos.

À VENDA NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS, MERCEARIAS, ETC.

A. L. SIMÕES & PINA, L.^{DA} — RUA DAS FLORES, 22 — LISBOA

**Agencia Internacional Aduaneira
MANUEL B. VIVAS, LIMITADA**

TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DESPACHOS, TRANSITO E REPRESENTAÇÕES

Casas em:

LISBOA **VILAR FORMOSO**
RUA DO ARSENAL, 124, 1.^o (FRONTEIRA PORTUGUESA)
End. Teleg.: TRANSPORTES End. Teleg.: VIVAS

PORTO **BEIRAM (MARVÃO)**
TRAV. DA PICARIA, 9-B, 2.^o (FRONTEIRA PORTUGUESA)
End. Teleg.: VIVAS

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS
Carreira rápida da Costa Oriental e Ocidental
Saídas de Lisboa no 2.^º Sábado de cada mês pelas 12 h.

Carreira rápida da Costa Ocidental
Saídas de Lisboa no 3.^º Sábado de cada mês, pelas 12 h.

Carreira da Guiné
Saídas de Lisboa de 40 em 40 dias, pelas 12 horas
Lisboa — Rua Instituto Virgilio Machado, 14
(à Rua da Alfândega) TELEFONE 20052
Escrítorios Pórtico — Rua do Infante D. Henrique, N.^º 9
TELEFONE 2342



LISBOA — Monumento ao General Marquês de Sá da Bandeira